

Manifestações populares e práticas educativas, dentro e fora da escola

Soraia Chung SAURA

Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo

Vovó vinha todo o sábado. A gente ficava esperando, o animal dela era branco e ela mesma usava um lenço branco. Lá de longe a gente via ela e já se alegrava. Ficávamos conversando no fogão à lenha, o cheiro do pão assando, o lampião e a luz da lua (Depoimento de um senhor Pomerano).

Encontramos a nós mesmos nos outros, essa é a premissa do deslocamento sugerido pelo trabalho antropológico. Aplicada sobretudo na educação¹ sugere desdobramentos e reflexões sobre os modelos educativos fornecidos pela educação formal e informal e o trânsito entre eles, limites e possibilidades. O objetivo deste ensaio é o de lançar luzes em práticas da educação centenária que ocorrem nas manifestações populares espalhadas por todo o território nacional e dialogar com a prática docente. Discorreremos sobre um saber corpóreo estruturante onde quem educa não é apenas o professor, mas a vivência na estrutura comunitária conduzida pela figura do mestre. Conclui-se que na ausência desta nas sociedades complexas, a escola poderia realizar esse papel de transmissão de valores intrínsecos, de encontro com a potência individual, de ritmo e organização temporal e espacial. Onde se leve em consideração que o desenvolvimento do corpo diz respeito ao desenvolvimento da pessoa humana como um todo, onde as crianças são parte do mundo e não destituídas dele, onde a repetição é aprofundamento e o tema da transformação da criança em adulto é de responsabilidade do todo.

O olhar, ação de ver pelo órgão da visão, é essencial para a percepção das qualidades plásticas do mundo exterior. Embora o olhar interior, ação de ver por força do imaginário, ultrapasse a superfície desta plasticidade, penetrando em suas sucessivas camadas de realidades criadas pelo indivíduo, vindo o que está além do alcance do olho² (p.128).

Em contato com meus pares, os professores e suas diferentes realidades, muitos dos quais moradores de um Brasil que não é sudeste mas a maioria esquecida por ele, dá-se esse encontro. Penso que para nós do sudeste, quase que o resto do Brasil todo é remoto. Avião e muita

estrada, ônibus, carroceria e barcos, curvas e mais curvas de serras enigmáticas, cerrados exuberantes, campinas escaldantes, florestas em pé, tons de verdes nunca vistos, pássaros exóticos, insetos improváveis, rios negros com peixes azuis. Parece que o Brasil é muito mais campo que cidade. E onde parece que não vou encontrar ninguém, me encontro nos sorrisos caboclos: tem gente, tem escola e tem criança. Em frente a uma escola rural, me pergunto quanto tempo foi necessário para se dar tanta importância à escola, à sala de aula, aos livros e ao estar sentado diante do professor como atitude máxima de aprendizado. Temos um discurso já absorvido pelos pais: frequentar a escola para ser “alguém” na vida. Este alguém está normalmente relacionado aos recursos que se pode obter, a um melhor posicionamento de vida com melhores condições de trabalho e salário, a um não mais ser enganado pelas letras ou por falsos contratos. A escola representa, no imaginário dos que vivem na zona rural, a possibilidade de que suas futuras gerações se sobreponham a uma história familiar que se repete recorrentemente. Pergunto sempre se nós professores nos imbuímos da missão de educar para quê, toda vez que entramos no espaço da sala de aula, canetão ou giz na mão.

Não há hotéis ou pousadas neste trabalho. Assim que nos hospedamos na casa das pessoas, o que muito me agrada a gentileza. Aproveito a oportunidade para apreender a matéria de um cotidiano diverso, essa das tantas comunidades rurais. A história desses povos da roça nos é revelada devagar, com poucas palavras, já que não falam muito. São os gestos que nos contam. Arranchamos em casas frescas de pau a pique, com telhado de sapé, mesa de madeira, redes emparelhadas, café na caneca, lata d'água na cabeça, porta de duas bandas e o mundão lá fora. De noite uma vaca branca, bichão imenso passa prá lá e prá cá balançando a sineta que traz no pescoço, belém, belém. Galo ainda não canta e D. Maria se levanta para preparar o café. Acende o fogão à lenha e em pouco

Ensaio

tempo o cheiro que dali exala conforta as crianças para que acordem no escuro. Apressam-se nas vestes, no lavar o rosto na água fresca da cuia, suspendem suas redes e saem em silêncio na noite. Estão indo à escola. Andam mais de três quilômetros, a mãe e os dois meninos pequenos, o menor brinca com um pedaço de pau. Por fim, chegam à beira de uma estrada maior, onde esperam o transporte escolar. Este passa por volta das 4h30, raramente é pontual, ou vem mais cedo ou mais tarde, a espera é longa. Quando chega, nota-se que não é nem um pouco seguro, a caçamba do caminhão a céu aberto, veloz, sem proteção em uma estrada de buracos. Já ocorreram graves acidentes com estas crianças. O governo local sempre promete melhorar. D. Maria diz que é agradecida “porque antes, nem transporte tinha”. D. Maria os embarca, cadernos e livros reutilizados nas mãos, acena para as crianças em uma nuvem de poeira no escuro. Fazendo vista grossa aos perigos evidentes a que seus filhos estão expostos diariamente, ela tem a certeza de que esta é a coisa certa a fazer, uma obrigação de mãe, o mínimo para que sejam “alguém” na vida: mandá-los para a escola.

São mais de 50 minutos de viagem, com paradas em todos os lados da estrada, recolhendo crianças de todos os tamanhos e vindas de distâncias variadas, caçamba lotada. Chega-se à distante escola, que no entanto é a mais próxima de suas casas. Esta consiste em apenas duas salas, a primeira é pequena e acolhedora: a cozinha, com panelas penduradas, pratos e canecas de plástico desgastados pelo uso, uma mesa, uma pia e um fogão de duas bocas. A merendeira é sempre sorridente, um arquétipo de mulher que encontro em muitos interiores: boca larga, seios fartos, conhece os meninos todos pelos nomes e ralha com eles por suas muitas traquinagens. Sabe da vida e da personalidade das crianças todas. Alimenta e ama, assim são as cozinheiras. Faz pequenos milagres diários com os poucos recursos culinários a que tem acesso. A segunda sala é maior, é a sala de aula. Está dividida ao meio por um madeirite^a que não chega até o teto. Crianças de 1^a e 2^a séries do ensino fundamental estudam de um lado, de 3^a e 4^a no outro. A divisória é simbólica, uma vez que tudo se escuta dos professores e das crianças, tanto de um lado como de outro e a equação de se lecionar em tais condições me parece quase insolúvel. No entanto, ela acontece.

Estes professores são heróis anônimos brasileiros, em uma luta diária. Estão isolados do mundo e muitas vezes, com falta de material básico de trabalho como giz e papel. Às vezes o salário. Dessa maneira entende-se sua vocação e comprometimento com os alunos. Referências em suas comunidades, não é à toa que D. Maria deposita neles e na escola a esperança do futuro de seus filhos. Houve um problema no transporte escolar que levaria as crianças de volta, no final do dia. Disponibilizo-me

a esperar para ver o desfecho da chegada em casa. Um senhor da comunidade me aborda e pergunta: “Você é professora?” Respondo que sim, como sabe? “Sei por que só as professoras não vão embora enquanto seus alunos não têm como chegar em casa”.

Assim é o comprometimento que se espera do professor. Heróico, voz e crença, é todo ele determinação e empenho embora muitas vezes resignado, sem oferecer resistências a um ensino ineficiente. Há um esforço sobre-humano para ensinarem as letras, muito porque muitas vezes são vítimas de má formação e estão sujeitos a um sem fim de dificuldades, esquecidos em cantos de mundo sem acesso a informação, formação, livros e menos ainda, conexões. O livro e a cartilha são materiais estranhos. Pedacos de cartolina são guardados como ouro nas prateleiras. Em muitos dos locais que estive, membros da Secretaria Municipal de Educação, responsáveis pela escola, nunca chegaram a colocar os pés. “Lá é muito longe”.

Um professor de educação física, sediado em uma comunidade rural pomerana no Espírito Santo me conta destes corpos altos e fortes, do índice de obesidade zero na comunidade, da boa estrutura corporal de seus alunos por conta dos trabalhos realizados pelas crianças no campo junto às famílias. A impressionante força física dos corpos das mulheres e dos homens. O respeito que os pequenos têm pelo professor, diferentemente das crianças da cidade. Não usam sapatos para facilitar os serviços no campo, tem pés muito fortes, bastante resistência muscular, muita força. “Correm daqui até o posto e voltam sem se cansar.” Seu aluno confirma: “Só usei meu primeiro par de sapatos no dia da confirmação, aos 14 anos”. Fico impressionada.

Visitei uma escola indígena Xavante no Mato Grosso. A escola é um modelo novo de educação dentro daquela estrutura comunitária centenária. Montaram uma sala de aula adequada à realidade onde estavam inseridos: os moradores a construíram circular, com meia parede, de modo que de dentro, avistávamos toda a aldeia e o vento do cerrado circulava livremente. O teto coberto de sapé e o chão de terra batida, regados constantemente com água, mantinha o frescor que permeava o ambiente. Nem 50 km dali sediava-se uma escola rural. Seguindo o modelo de educação formal importado ao Brasil, as salas de aula eram quadradas, com telhas de amianto, janelas pequenas de alumínio. O calor era suportável para poucos e o ventilador um inútil e dispendioso objeto.

Talvez por causa deste modelo de educação, estes professores encontrem ainda muita dificuldade em executar tarefas ao ar livre com as crianças, as querem sentadas em cadeiras antigas, na frente de mesas bambas. Primam pela imobilidade e ignoram as mangueiras de sombras generosas ao lado de fora. Nas aulas de atividade física, sempre a quadra - muitas vezes um campo de terra sem

sombra, com as traves do gol. Suspiro porque daria uma vida para ter proximidade com a matéria ambiental que avistamos da janela. E os meus professores, nos livros e no pátio cimentado. São paradoxos. Outra cena emblemática: vi as crianças olharem o desenho da uva (com um U bem grande ao lado) na cartilha enviada pelo governo e a nomearem “Açaí”. Nunca viram a tal da uva^b. O valor é assim depositado em algo externo, em um modelo que não pertence àquele lugar, não combina nem mesmo com o próprio professor, muitas vezes caboclo de sabedoria da terra e das águas. Vi Seu Humberto, professor da 3ª e 4ª séries, jeito de índio, pés esparramados na terra, com dificuldade de folhear um livro. Também o vi pescar com eximínia vocação e talento, manuseando materiais e técnicas variadas em movimentos deslumbrantes.

As comunidades rurais em todos os Estados que tive o prazer de conhecer não são uniformes, claro. Variam em diversidade e riqueza, suas pessoas dialogam com o ambiente onde estão inseridas, homens cultos e mulheres belas, algumas vezes falam até outra língua. Mas sempre há as principais referências comunitárias, a quem devemos bem dialogar antes de abrir os trabalhos nas escolas. Um padre, uma senhora parteira. Senhores e senhoras com uma espécie de ligação com o sagrado, também institucional, com reconhecida liderança, primeiro pelos comunitários, depois pelos governos locais. Sempre idosos, “sabem mais porque viveram mais” - e essa é uma das premissas do conhecimento tradicional. Antes de qualquer trabalho, a licença, a justificativa, o pedido e o acordo. Café e aperto de mão.

Não raro essas lideranças são os organizadores de manifestações populares, que resistem à revelia de muitas e muitas intempéries, geração após geração. Salvaguardando generalizações e guardadas as particularidades de cada uma das comunidades e das festas populares que encontramos em muitos destes locais, tomo como exemplo para discorrer sobre a relação formativa que estabelecem com os seus o Bumba-meu-boi^c, uma festa considerada uma das mais belas do Brasil e que acontece de forma amplificada no Estado do Maranhão onde reúne enorme contingente de pessoas.

É uma brincadeira poética, musical, cômica, plástica, dançante, festiva e dramática, formada por vários grupos, todos ricamente ornamentados. A narrativa é carregada de cenas críticas e filosóficas e há formatos variados dentro dessa estrutura, com personagens míticos e emblemáticos^d. O Bumba-meu-boi desenvolve-se em ciclos anuais, tendo início nos festejos juninos, quando se batiza o boneco boi, se brinca ao longo de alguns meses até a data da próxima festa, que culmina na morte simbólica do animal. No início do ano seguinte, os conjuntos iniciam os preparativos de um novo boi. A festa repete-se assim incansavelmente há mais de 100 anos.

O melhor mestre não é aquele que se impõe, que se afirma como dominador do espaço mental, mas, ao contrário, o que se torna aluno de seu aluno, aquele que se esforça para acordar uma consciência ainda ignorante de si mesma e de guiar seu desenvolvimento no sentido que melhor lhe convém³ (p.6).

O primeiro personagem que salta aos olhos conduzindo o grupo paramentado em festa é o Amo, garboso e muito vaidoso de seu Batalhão^f. É o dono da Festa e seu personagem é o dono da fazenda e do Boi mais importante. Comanda e forma o grupo, o folguedo e as apresentações. É dele a responsabilidade de todos os momentos de ordem dos festejos. Sua figura carismática e envolvente em sua representação traz a nós, meros cidadãos, imagens de tempos imemoriais, vozes de outras gerações. Com ferramentas sem segredo, organiza rituais significativos para os seus. Maracá^g pesado e prateado levantado ao ar, “*em expectativa da união divina*”, no impulsionado constante que está, para o alto, conduzindo grandes grupos⁴ (p.129). Seu apito na boca fornece comandos para o ritual e organiza diligentemente todo o folguedo.

Este senhor belamente vestido, com pose de rei, passamos a segurança de quem sabe a que veio ao mundo. Nas Festas, sua roupa é sempre muito bonita, ricamente ornamentada, brilhante, trabalhada à mão, miçanga por miçanga graças à persistência de bordadeiras^h cheias de fé. Encanta na noite escura de tambores, faiscando “pedras preciosas” que brilham na luz do fogo. É o líder destes encontros, para os quais dá o tom. O primeiro a chegar, o último a sair, como um professor dedicado, garantindo a segurança e boa ordem dos festejos. Elemento unificador dentro da brincadeira, para qual olhos e ouvidos se voltam, referência central, congregador de elementos. Seus olhos perspicazes representam sabedoria, calma, atenção.

Ser amo é uma responsabilidade. Não é só dizer: eu vou cantar. Precisa sacudir o maracá... Com firmeza. Tem que saber pegar o maracá, sabe? Não é só pegar e ir sacudindo... São poucas pessoas que eu vejo que tem. Tem que ter firmeza, tem que cativar, ter espírito de liderança também. Ele impõe respeito porque faz a coisa assim com a alma, canta com o coração, contagia todo mundo que está ao redor. Não existia outro assim igual a Coxinho. Todo mundo idolatrava ele. Bem velhinho, chegava em um lugar e todo mundo parava. Ele abria a voz assim, quando ele se encarava cantando o Boi, sacudia aquele maracá, sabe, as pessoas até choravam... Inclusive eu (Depoimento do brincante Celso França).

Senhor de toda celebração, dentro da narrativaⁱ da brincadeira tem o papel de dono da fazenda, encarna a figura do grande pai, mas caracteriza o mestre. A posição

de líder não fica restrita aos festejos. Sua figura teatral e sua liderança de brincante estende-se a outros âmbitos, ultrapassa os limites desta brincadeira e o Amó, não raro e muito comumente, em uma cinestesia natural com seu personagem, é líder comunitário local, sendo consultado a respeito não só do que se relaciona às festas e rituais, mas também a respeito das grandes decisões da comunidade.

Além de cuidar da brincadeira, em sua comunidade, tem que ter influência, conhecer político e inspetor de polícia, saber falar melhor, assinar o nome e ter documentos. Ele é responsável pelo bem-estar da comunidade em que mora. A educação e o emprego dos filhos e participantes da brincadeira são preocupações constantes, pois ele é o líder do bairro e da opinião, tem obrigação de propiciar o bem-estar dos participantes⁵ (p.10).

Estes senhores ensinam como aprenderam: com movimento, mais por atos do que por palavras. Em uma conversa com Tião Carvalho^j, Amó e mestre do Grupo Cupuaçu Danças Brasileiras^k pergunto: “Mas como você ensina?”, referindo-me ao enorme contingente de pessoas que já ensinou a dançar, a tocar, a conhecer os festejos, os rituais, etc. Este responde:

Não ensino. Faço junto. Não tem necessariamente o ensinar, você aprende muito mais vendo, estando junto, tocando junto, dançando, vivendo, estando junto (Depoimento de Tião Carvalho).

Em anos de trabalho com grupos de culturas populares, estes princípios educativos saltam aos olhos. Atuam com o inclusivo há muitas gerações pois para toda e qualquer pessoa que se disponha a participar há “um lugar ao sol”, cabendo ao Amó o papel educativo de auxiliar a pessoa nesta descoberta, que pode demorar, mas é certa:

Você se sente realmente boieiro quando você se acha, se encaixa em um papel ali, com o qual se identifica, porque alguma coisa vai ter para você. Ou você vai ser um vaqueiro, ou você vai ser um rajado dançarino, ou você vai ser índio ou índia, ou Pai Francisco, ou Catirina, vai ser amó, cantador, tocador... Você se encaixa, você se acha e diz: eu sou isso (Depoimento de Tião Carvalho).

Este mestre sinaliza o caminho para o interior do educando, o que é diferente de mostrar o caminho a ser seguido, ou o de ensinar um repertório. Ele propicia um mergulho interno que gera maiores ou diferentes percepções do mundo. Está no incansável papel de ajudar o aprendiz a ser quem ele é. Isto se dá através da promoção de experiências corpóreas dentro da brincadeira, que vão se tornando pouco a pouco mais e mais significativas, através da oportunidade de vivenciar diferentes papéis dentro da narrativa, onde o educando realiza um encontro. Não o encontro com o que não é, mas o encontro com a sua potência, um encontro que segundo GUSDORF³,

Esse encontro com o melhor, esse confronto com a mais alta exigência, desmascarando uma identidade que a si mesma se ignorava, permite à personalidade passar ao ato e escolher-se a si mesma tal como sempre se desejou (p.4).

Soma-se a isso fatores que estão permeando este movimento, que nunca são ditos mas estão sempre visíveis nas bases de educação calcadas em comunidades tradicionais que se espalham por todo território nacional, transmitindo valores, “valores novos, que na verdade são antigos, são novos para os seus olhos” (depoimento de Tião Carvalho). A educação insere-se em um sistema de valores da comunidade, e diferencia-se substancialmente das práticas da escola, pois a estrutura comunitária revela: a indivisão interna e a ideia de bem comum; seus membros estão sempre numa relação face-a-face (sem mediações institucionais), possuem o sentimento de uma unidade de destino, ou de um destino comum e afirmam a encarnação do espírito da comunidade em alguns de seus membros, em certas circunstâncias. Já o mundo moderno desconhece a comunidade: o modelo de produção capitalista dá origem à sociedade, cuja marca primeira é a existência de indivíduos, separados uns dos outros por seus interesses e desejos. Sociedade significa isolamento, fragmentação, atomização de seus membros, forçando o pensamento moderno a indagar como os indivíduos isolados podem se relacionar, tornar-se sócios⁶.

Não obstante, algumas escolas nos centros urbanos parecem desenvolver este papel perdido: a de uma comunidade de destino, onde os sistemas de valores estão presentes por toda a escola, sendo auxílio para os pais na educação de seus filhos na medida em que oferecem contornos para além dos núcleos familiares. É mais efetivo dizer às crianças: “na nossa comunidade fazemos assim”, do que dizer: “eu quero que faça assim”. Deste modo, valores que se deseja transmitir não estão personificados na figura do pai, da mãe ou de um professor, mas em uma estrutura maior de pertencimento, o desenho da comunidade onde estamos inseridos, sendo os conteúdos curriculares (no caso da escola) e as técnicas (no caso das manifestações populares) o que permite o exercício cotidiano deste sistema de valores, muitas vezes relegado a um segundo plano pelo nosso sistema educacional, quando não inexistente. A técnica - aprender a tocar, cantar, dançar, e tudo o que envolve o folguedo e a vivência corporal - está a serviço dos valores que se deseja transmitir. Assim deveriam ser os conteúdos pedagógicos - não tanto o motivo principal, mas o lugar que oferece o solo para que valores intrínsecos sejam exercitados.

Nas manifestações populares os ensinamentos se dão por exemplos, o importante na prática educativa, ao contrário do que acontece comumente, não é o falar, mas o ouvir. É necessário o silêncio para ouvir o educando e identificar a manifestação de sua potencialidade.

Ela vivia me pedindo para vestir a fantasia de índia. As mulheres gostam muito deste personagem, é o mais bonito e faceiro do conjunto, claro. Mas eu olhava e achava que não era por aí. Tem gente que experimenta e não se sente muito bem, é bastante exposição, a índia é a mais bonita, mas a mais exposta, vai na frente, aquela coisa. Eu olhava ela, olhava ela e via que ela tinha uma força interna, uma força mesmo, alguma coisa masculina forte. Um dia pedi para vestir e dançar o caboclo de pena. Experimentar. Pronto, se encontrou, nunca mais vestiu outra coisa. Perfeito (Depoimento de Tião Carvalho).

A dançarina confirma:

Foi uma percepção do Tião sacar que eu tinha uma energia para usar o Caboclo. De primeiro dancei de Vaqueiro, como todo mundo. Aí quis dançar de Índia. Mas o Tião insistiu no Caboclo, achava que eu tinha mais essa energia. Aí a Pati foi fazer o Miolo e sobrou uma fantasia. Meu Jesus, aquele capacet! Precisei da Patrícia me amarrar umas cinco vezes, até eu aprender que peça ia aonde. Teve uma apresentação que não esqueço. Foi no Minhocão, sábado ao meio-dia. Imagina, calor de matar, e eu com aquelas penas todas. Dancei muito, foi a primeira vez que eu fiquei cansada de verdade. Foi neste dia que eu senti que o Caboclo chegou para mim. Fiquei muito vaidosa dançando de Caboclo, um sonho realizado. E agora estou aí, nesta construção com ele (Depoimento de Anna Maria Andrade).

Assim, por meio da experimentação e da vivência corpórea, sob a mão condutora de um educador atento, o encontro com a potência. De fato, vejo minha amiga no interior do caboclo. É um personagem enigmático, que não se vê os olhos. Escondido, parece um ser ancestral, com movimentos vigorosos, veste de sete a oito quilos de penas farfalhantes, exige força e vontade para se dançar imbuído dele por horas seguidas. Nunca vi caboclo mais lindo. É o seu personagem e a cada ano dança mais forte e vigoroso. Vejo-o girando no chão e fico sem fôlego diante de seus lindos movimentos de expressão.

O educador é o mestre, o Amo, o mais velho e o mais experiente para perceber as nuances de uma vida que desperta. Abraça os processos de passagem, as preparações, os tempos individuais de cada um, gerando um sentimento de pertença no educando e fazendo com que este, aos poucos, devolva o respeito que lhe é gratuitamente concedido.

Através das inúmeras possibilidades de representação dentro da brincadeira, crianças, jovens e adultos têm a oportunidade de participar como melhor lhes convier, com o que mais lhes agrada, dentro de uma estrutura dada - uma estrutura de personagens, festa e valores - participando de um modelo educacional centenário. Por meio do Amo e do grupo, todos têm a oportunidade, muito além do participar da narrativa, o de assistir e de produzir imagens não estáticas que unem movimento,

cor, música, tambor, fitas, brilhos, bonecos, máscaras e penas. Dançarinos e tocadores, todo o mundo fervilha, todas as cores, o auto do Boi é a própria agitação da mudança formigante. Ao mesmo tempo, tudo o que nos leva a essa alegria contagiante, também nos deixa menos alegres, são fugas no escuro, sons de outros mundos, visões de máscaras terríveis que amplificam vozes internas, ameaça da morte que permeia a narrativa, medo da terra que treme com o estrondo de tantos muitos pandeirões, encantados de outros tempos entre nós - respeito, temor e beleza. O improvisado e o inesperado caminham ao lado do esquema corporal rítmico, com a repetição que nos garante a segurança interna. Há discussões das relações atuais, licenças, despedidas e esperanças sem fim.

Perto do Boi eu não largava da mão da minha mãe. Eu tinha medo do Boi, sabia que era o Miolo lá embaixo, mas quando ele chegava perto eu tinha medo, era muito real, e eu tinha um medo real também. Lembro de outros Bois, aquele bem pequenininho, de mão, adorava esse Boi porque era pequenininho, e esse não me dava medo. Lembro que eu não gostava quando na Festa do Boi soltavam fogos. Eu também tinha medo do pandeirão, que era muito grande e fazia aquele barulhão. Mas eu gostava muito do tambor onça, ficava imaginando que tinha uma onça dentro dele (Depoimento de Sofia Fajersztajn de Almeida).

Se podemos dizer que as festas das culturas populares possuem uma função no mundo, a principal parece ser a de realizarmos todos, coletivamente, esse exercício mítico de nos aventurarmos em universos ancestrais, questões desafiadoras para a humanidade latente em todos nós: o bicho, a fera, o perigo, a vida, a morte, a angústia diante do tempo que se esvai, implacável. As manifestações imprimem um ritmo circular a uma vida que retorna sempre ao mesmo ponto - mais velhos, cansados, felizes ou tristes, mas um eterno retorno ao mesmo ponto demarcado pelas festas, bem ao contrário da linearidade objetiva que nos conduz, ano após ano, a um fim. A festa e a beleza de estarmos vivos em um mundo orgânico, com mistérios insolúveis. Há sedução, maravilhamento, arrebatamento. Diante de um folguedo colorido e festivo, não há quem não se poste encantado - os que assistem e os que fazem, vale lembrar que participantes somos todos. Assim, estar criança no meio de uma festa colorida e barulhenta, repleta de máscaras, sons e cores, tendo um bicho Boi colorido, brilhante, dançante e com chifres reais, é aventura de viver em um mundo mitológico e de encantarias.

A repetição é, desta maneira, oportunidade de aprofundamento. Se a festa acontece anualmente, anualmente realizo o exercício promovido por ela, aprimorando necessidades internas. Se o foco não está calcado no aprofundamento, mas na variedade de repertório, perco uma questão fundamental que a experiência corporal

dentro de uma estrutura de festa ou jogo me possibilita: conhecer-me e descobrir-me em potência. Ganhamos repertório, mas um repertório esvaziado de sentido.

Chama-se educação à modelação dos jovens pelos mais velhos, à colocação dos recém-chegados no conjunto integrado cujos usos e costumes, alegrias, tristezas e atividades são chamados a partilhar. A função pedagógica tem por tarefa situar os jovens no horizonte espaço-temporal da vida comunitária. Graças a ela, uma família humana determinada toma consciência de si mesma em cada um dos indivíduos que dependem dela. Sob pena de ser apenas uma pessoa deslocada num universo vazio de sentido, todo homem deve encontrar o seu lugar entre os homens graças à sua iniciação nos temas, estruturas e aspirações, cuja convergência define o programa vital de uma dada sociedade, isto é, sua cultura³ (p.216).

Enquanto adultos rodam os integrantes do Bumba por horas a fio, cada um em um personagem imbuído de felicidade dançante, representando e vivenciando arquétipos ancestrais - o vaqueiro fiel, o visceral miolo do boi, o ancestral caboclo de pena vindo do fundo da mata, as índias festivas e belas na frente em graça e beleza, Pai Franciscos desafiadores, Catirinas atentadas, Burrinhas saltitantes e engraçadas, Cazumbás assustadores e misteriosos - todos os personagens são recriados à nossa imagem e semelhança, tal como deuses festivos. Vislumbramos os bebês pequenos dormindo tranquilos em meio à zoadada de matracas e pandeirões, no balanço de braços amigos. A segurança do ritmo embala este sono, são os sons de tambores imemoriais. Parece impossível, mas dormem enquanto Amo e batalhão entoam toadas “tiradas no ar”, enquanto treme a terra, enquanto a noite se enfurece barulhenta.

É preciso rodar saltitante, tendo cuidado no tropeço dos seres pequenos, miniaturas do mundo, “devaneio dos que nasceram sonhadores”²⁷ (p.453), zanzando entre nossas pernas. Marilena, uma das fundadoras do Grupo Cupuaçu em São Paulo) lembra:

A presença das crianças é um aprendizado para todos: para o grupo, para a mãe e para as crianças. (...) As pessoas não podem ficar dançando sem ver que tem criança embaixo. Tem tempos a serem respeitados, as necessidades das crianças têm de ser observadas. A presença delas dá um outro ritmo ao grupo (Depoimento de Marilena Fajersztajn).

Nas culturas tradicionais e nas manifestações populares que oriundam destas, as crianças não estão separadas dos adultos. Daí que se educa estando junto. São apenas

menores, mas fazem parte do conjunto, respeitadas as proporções de tamanho e possibilidades. É comum terem roupas, ferramentas e instrumentos construídos proporcionalmente ao seu tamanho. São iguais aos dos adultos, apenas menores. Nada de mentira, tudo de verdade¹.

Por exemplo, aí comecei a aprender porque eu era muito curioso, eu sou muito atencioso, eu gosto muito de olhar as coisas, ouvir muito, antes de tirar uma conclusão. Então eu olhava, sou um cara muito privilegiado de poder ter visto o meu pai e amigos do meu pai tocando. Que meu pai era bom, mas tinha amigos que eram bons também que eu gostava de ver tocar, isso foi o que me fez saber o que eu sei agora. Fazer instrumento eu aprendi com o meu pai também, ele cobria os instrumentos e me chamava, segura aqui, pá, para eu amarrar aqui. Onça ele não cobria sozinho. Pandeirão as pessoas não cobriam sozinhas, mas hoje, eu faço isso tudo só. E o aprendizado que eu tive foi justamente olhando, ouvindo e nunca querendo mostrar que eu já sabia (depoimento de César Peixinho).

Assim que as crianças aprendem a andar balouçantes. Invariavelmente estão tentando ver o que é exatamente que existe dentro do boneco do Boi, conhecer seu Miolo. Estão zanzando entre fitas e penas, a desvendar os mistérios dos personagens e dos tocadores.

O André, por mais que ele soubesse que aquele Boi era boneco e que tinha um Miolo dentro, ficava boquiaberto, toda vez que via o Boi dançar. Os olhos dele brilhavam, isso sempre me impressionou no Boi, como os meus filhos se encantavam com aquilo (Depoimento de Marilena Fajersztajn).

Entre todos, as crianças estupefadas, com naturalidade. Já nem sabem quem admiram e quem imitam. Ensaíam pequenos toques de instrumentos, livres que estão para experimentar. Aprendem porque participam de todas as atividades, olhos, ouvidos e bocas, cercados de gestos amorosos, divertem-se simplesmente entre muitas cores. São suas primeiras relações humanas, fora do espaço familiar, envolvidos em “um ritmo afetuosos e cúmplice do mundo cotidiano”²³ (p.69), este conjunto de relações humanas, base comunitária estruturante.

Lembro de estar com o grupo em apresentações, vestia a roupa de Vaqueiro. Lembro que eu gostava muito. Gostava muito do Caboclo de Pena, achava bonito. Lembro de olhar o Boi grande, alto, dançando. Sabe quando o Miolo levanta o Boi? Lembro disso. O Boi grande e levantado, maior ainda. Eu via o Boi como uma personalidade, algo especial. Eu não gostava quando o Boi morria. Contam que uma vez, meu padrasto me levou para uma procissão de santa. Lá pelas tantas, eu já devia estar achando a coisa meio chata, virei e perguntei: ‘E a Santa, não vai morrer não?’ (Depoimento de Noel Carvalho).

Todos que tiveram a oportunidade de vivenciar esta infância têm uma história para contar. Isabel Carvalho me diz que o que a fascinava em especial quando menina eram as fitas dos chapéus dos Vaqueiros: todas coloridas e muitas com bordados encantadores. Ia para a Festa saltitante, esfuziante com uma pequena tesoura, e na distração dos Vaqueiros bailantes: zás - cortava pedaços destas fitas coloridas, tesouros bordados que levava em surdina para casa, a fim de enfeitar suas bonecas. Chegam assim na brincadeira, às vezes andando seguras nas mãos de seus pais, tios, padrinhos e madrinhas. Às vezes no colo. Nas pequenas comunidades podem frequentar a brincadeira por conta própria. E assim permanecem entre os grandes, em um lugar comum onde ninguém se queixa da presença delas. Atesto o valor destes espaços que podemos frequentar juntos, espaços cada vez mais raros em sociedades separatistas e individualizadas, nos quais raramente fora do espaço familiar, podemos desfrutar momentos comuns com os pequenos - estes onde trabalhamos e nos divertimos juntos, em uma indissociação entre trabalho e lazer⁸. Crianças encaradas como o que são: parte do mundo e de nossa existência. O fato de crescerem com naturalidade e espontaneidade mora também no lugar de sabermos que estão sendo educados, no melhor sentido do termo, através da vivência sem palavras que vão adquirindo dentro do universo do Bumba.

Finalmente ganham um lindo presente, uma roupa nova, uma saia especial, uma que veio de um mais velho, "já está na hora" de usar. Não são ignorados, todos estão atentos aos seus momentos de passagem, olhados de soslaio para que não saibam que são tão atentamente observados. Muitas vezes pude olhar surpreendida para o menino ou a menina, dançando e tocando com a mesma intensidade e responsabilidade dos adultos. Pequena Sofia, antes garota franzina, agora vestida de Índia imponente.

Lembro das coisas que você não podia fazer dançando de Índia. Sentar com a saia, levantar a perna. Depois a roupa não me serviu mais, e voltei a dançar de Vaqueiro. Mas gosto de dançar mais de Índia porque é muito mais alegre, a gente pula mais, é mais feliz (Depoimento de Sofia Fajersztajn de Almeida).

André, Ariel, Igor, esmurrando com toda a força de seus pequenos corpos, fazendo soar pandeirões por horas inteiras, Marquinhos a balançar suas fitas de Vaqueiros sisudo^m. De repente, cresceram. E estes jovens fazem valer o seu crescimento, mostrando que podem acompanhar o Batalhão. E não querem cumprimentos por isso, agora são iguais a todos.

Tornam-se adolescentes e achamos graça de seus cabelos compridos, seus ossos fora de ordem, a solidão e a insegurança em um universo que se mostra tão imperfeito,

tendo experiências decisivas de um outro mundo e de outras vidas, nos quais terão que descobrir, no sofrimento, na alegria e na angústia, uma nova consciência de si mesmo e dos outros³ (p.35).

Atenção ao movimento dos que crescem, pequenos rituais de passagem.

Tem que cuidar dos adolescentes também. Conversei com o Tião uns tempos atrás, porque o André não estava frequentando o grupo, e eu queria colocar ele em cheque. Ou ele ia aos ensaios, ou saía do grupo. O Tião achou que poderia ser um movimento que o afastaria mais ainda, e não é isso que se quer. Achou melhor correr frouxo com ele, porque é adolescente, se quer vai, se não quer, não vai. (...) Já a Sofia teve um movimento de retorno, porque chegaram outras adolescentes, outras meninas. Ela quer encontrar a Ju, a Diana, o Igor. Ela vai para ver as amigas dela. Teve uma hora que estava chato, que só tinha ela. Agora, a Sofia está enturmadíssima. (...) A relação é interessante. O Grupo está cheio de adolescente. Assim, o Grupo fica jovem e bonito. Uma energia, não só gás para dançar, também energia em um sentido renovador. Faz bem para a auto-estima coletiva do Grupo, esses meninos jovens entre nós (Depoimento de Marilena Fajersztajn).

Assim é que a formação é de todos, por todos. O Grupo é um porto seguro nesta brincadeira cíclica, esta comunidade construída no ar gera segurança. Olhamos para eles, tocadores bem vestidos. Olhamos para nós mesmos em duplicidade: estamos mais velhos?

Teve uma época que eu fiquei mais afastado, estava interessado em outras coisas, escutar mais rock, coisas de adolescente, fazer outro tipo de coisa, não tão voltado às culturas populares. Nas Festas nunca deixei de ir. Sempre tocava nas Festas, isso sempre gostei. Lá pelas tantas eu e Ariel resolvemos voltar aos ensaios. E voltamos. Agora participamos de tudo. Desde que voltamos, vamos em todos os eventos, todos os ensaios. O fato de sermos amigos foi muito importante para essa nossa volta. É mais fácil voltar com o amigo. Tinha 16 anos quando voltei. (...) A parte da fogueira é responsabilidade minha e do Ariel. Isso aconteceu naturalmente, começamos a ajudar a carregar lenha, procurar madeira. Aí meu pai delegou essa responsabilidade para gente, pegar lenha e armar fogueira para ensaio, apresentação e Festa. Fazemos de muito bom grado, sabendo que depende da gente. (...) Na verdade, eu tomo cuidado de ajudar o Grupo, de estar fazendo, de ver por fora o que o conjunto está precisando, um pouco como o meu pai faz também. Sinto uma coisa forte, uma responsabilidade de estar cuidando do Grupo. Até quando meu pai não vai nas apresentações, não está na cidade, vou na sedinha para ajudar, ver o que está faltando, tento fazer um pouco do que posso. Penso um pouco: 'o que meu pai faria nesta situação?'. Também pergunto o que fazer a ele. Ele diz, e eu tento ver outras possibilidades para além do que ele diz (Depoimento de Noel Carvalho).

Mitologicamente, a questão da transformação da criança em adulto é um dos temas fundamentais da humanidade, como o mistério da morte e da vida, a relação homem-natureza através do animal e sua morte e seu renascimento, o nosso alimento, a relação da mulher com a natureza... Está ligada à relação de um tempo que não se encerra em si mesmo, à continuidade, aos ciclos que se fazem e refazem.

As manifestações populares são a possibilidade deste exercício que jogamos adultos, na presença das crianças, um faz-de-conta-real palpável, a possibilidade de seguir brincando por toda a existência. Um jogo de alto nível, um jogo de festival, um jogo de fé, de rendimento, de desafios e de possibilidades, dissolvendo lógicas da economia, da política, da sociologia e de outras ciências, desafiando as disrupções, sendo “homo ludens” e “homo symbolicum” a vida inteira e ampliando nossas possibilidades de existência.

Essas imagens dizem respeito a todos nós, enquanto humanos. Elas encantam, assombam, amedrontam, maravilham no seu conjunto. Um exercício de beleza, unindo elementos reais e fantásticos, religião e reflexão com e sobre o mundo. Com elas e por causa delas, o aprendiz pode ter um contato ancestral com o seu entorno, um contato pré racionalizante de uma formação que se processa na vivência, na experiência corpórea. O conhecimento é transmitido de maneira alegre, dinâmica e útil. Na prática universal que é a educação, esta formação nada mais é do que um processo hereditário e iniciático intenso, vivido substancialmente no corpo porque parteprimeiro da experiência.

As festas populares, a cada ano, são mais valorizadas e reconhecidas. Adentram os muros escolares, as aulas de educação física por meio da temática da cultura corporal do movimento e nos festejos juninos lá estão elas e as crianças executando-as. No entanto, substituem-se todos os elementos deste aprofundado complexo de tradição, valores, hereditariedade, iniciação, oralidade e corporeidade, pela técnica da dança em si, ou pelo desenvolvimento de habilidades motoras, ou pela aquisição de novos repertórios de movimento. Foi o educador Tião Rocha quem disse: como se a escola quisesse mostrar o azul do mar, mas trouxesse a água salgada em uma garrafinha.

Os conhecimentos apreendidos em festa ou em jogo oferecem o aprendizado que exige contornos da estrutura comunitária - ainda que escolar - por meio do ritmo e demarcação temporal - que aconteçam anualmente em um movimento de eterno retorno, para atuarmos com substancialidade e aprofundamento da matéria humana. Se todos os anos realizamos com profundidade jogos, festas e rituais, transformaremos estas festas em uma tradição. A tradição integra o tempo: todo ano, de novo e de novo.

Assim é que as festas e os jogos tornam-se orgânicas (importantes como manter-se vivo) e carregadas de sentido (dando significado à nossa existência). Elas refletem a capacidade simbólica do homem de dar significado às coisas e acontecimentos a partir do que observa. Estas festas remontam a, por exemplo, celebrações de nascimentos, rituais de caçada, festas de colheita, agradecimentos pela fartura e pelo alimento, e outras manifestações referentes às observações humanas do movimento da natureza, das estações e do ciclo da vida. Traduzem-se em tudo o que é produzido para estas celebrações: adereços corporais e espaciais, músicas e danças, alimentos, rituais e narrativas e em produções artísticas e artesanais. Estão presentes em nosso repertório imagético que traduzimos em todas as manifestações artísticas. Remontam a tempos de mistério, do homem atuante com imaginação criativa, essa capacidade que, para além da lógica e da razão, nos permite criar, inventar e supor o impossível.

Estes modos de fazer podem ser narrados, mas não podem simplesmente ser reproduzidos no que tem de mais simples: a técnica. Merecem ser vividos com bastante verdade e envolvimento, por meio dos elementos imateriais que formam seus pequenos rituais cotidianos. É nesta vivência que se opera o aprendizado profundo, este indizível e inenarrável. As festas não estão para serem apresentadas, mas para serem vividas. Nesse sentido, merecem tempo de preparação, envolvimento, pequenos rituais bem demarcados, celebrações. Construção e elaboração do espaço e oportunidade de criação - de seu personagem, de seu jogador, dos adereços, da alimentação, da decoração, das atividades. Atuam, para além da formação de repertório, na esfera dessa formação humana de grande porte, dialogando com questões fundamentais da existência.

Nesta formação completa, complexa e geradora de sentido, que envolve ancestralidade, memória humana, mitos, ritos, as manifestações populares não ocupam o segundo plano, mas a cena principal. E não por acaso as culturas populares atuam, desde tempos imemoriais, com princípios que hoje, escolas aos quatro cantos de planeta se preocupem em pautar: diversidade, multiculturalidade, interdisciplinariedade, cidadania, espiritualidade, coletividade, inclusão, sustentabilidade, respeito à natureza. São plurais, diversas, híbridas. Não há um jeito correto de fazê-las, mas múltiplas formas, através dos tempos, com força e vitalidade, avançando lindamente, beleza e encanto.

Reforço de que não se trata de ideologizar uma prática, mas de incorporar elementos possíveis da tradição centenária à escola e às práticas educativas do corpo, ainda em construção. Trata-se sobretudo de não desvalorizar um aprendizado que se processa na vivência do corpo, pelo corpo. Qualquer atividade que se proponha a atuar com

o movimento humano, atua não apenas com o desenvolvimento motor, mas com questões estruturantes do ser que incluem a afetividade, as emoções e as necessidades individuais internas, tomando por base a comprovada existência da estreita ligação entre os movimentos, a inteligência e os sentimentos⁹.

Conhecer e pensar não é chegar a uma verdade absolutamente certa, mas dialogar com a incerteza¹⁰.

Professores caboclos sentados desconfortavelmente em um lugar que parece não ser o seu, pouco à vontade com o ambiente ao redor. Eles também são brincantes, mas poucos têm a segurança e confiança de enxergar que o ensinar mora no lugar comum onde sempre estiveram. Há dificuldade de se trabalhar elementos do saber complexo na estrutura formal da escola. Há diferenças temporais para que as atividades aconteçam e para que se apareçam “resultados” concretos. Não há tempo medido e formalizado para as atividades educativas das manifestações populares, o tempo é vivido de maneira integrada, não medida. Não se esquiteja este tempo, que dentro das culturas populares é outro, tem a lentidão das longas conversas em roda, prejudicando o planejamento “adequado”.

No trabalho de formação de professores, penso sempre nas Donas Marias, que creditam o futuro de seus filhos a estes senhores. São muitos em todos estes Estados, como são muitas estas escolas, estas merendeiras, estas crianças. Repetem-se e multiplicam-se incansavelmente em todos os lugares. Para o meu prazer, principalmente as merendeiras de sorrisos largos e seios fartos. E as crianças, tantas e lindas! Parece-me injusto que algumas não se adequem ao sistema escolar. Meninos travessos,

danados, pouco institucionalizados, geniais na vida e no mundo, com tanta potência, nos fazem pensar que a escola talvez não esteja adequada aos meninos⁸. Observo o garoto quieto no banco escolar. Para ele, a escola parece querer impor atividades que o deixem mais agitado, o que não é de seu feitio. Ou o contrário: do menino agitado, queremos mais quietude. Parece a instituição ter o desejo de trabalhar ao contrário da potência que se apresenta, ao invés de deixar que o aluno desenvolva sua sensibilidade - que sempre tem uma razão de ser, embora muitas vezes não saibamos dessa sua natureza particular¹.

Penso em quanto esforço não foi necessário para que uma senhora como D. Maria e tantas outras, mães de terras distantes, tivessem como certa a importância da escola no melhorar de vida de seus filhos. Com apuro e diligência, estão lá com as crianças pelas mãos, todas as madrugadas, para e pela escola, essa que é responsável por melhorar a vida de nossos pequenos cidadãos. Investindo em um novo modelo, todos nós pensamos em como de fato, fazer com que essas crianças se apropriem de um aprendizado, sejam criativas e não repetitivas, aprimorando sua maneira de viver. É neste sentido que a educação pensa em como incorporar práticas centenárias da educação comunitária, como as brincadeiras geniais que acontecem à noite na vizinhança, nos rituais sagrados, na ida de seus filhos à lavoura com o pai, nas histórias do avô, na cozinha sábia e nos cheiros da avó. Depois de um longo caminho distanciando a educação do que nunca deixou de acontecer, pensamos que talvez essa escola comece e possa propor um conhecimento complexo¹⁰. Talvez assim, a escola possa incluir aqueles que exclui, educar para valores e para a potência, com conhecimentos inscritos no corpo e esses levando em conta o desenvolvimento do ser humano integral. E talvez assim, faça por merecer o crédito que D. Maria lhe dá.

Notas

- a. Madeira de compensado bem fina.
- b. “O vovô viu a uva” ou “O papai pegou o piquiá”?
- c. Resultado de minha pesquisa de mestrado e doutorado, disponível para download em <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-12032009-131837/pt-br.php>
- d. Outros folguedos tendo o boi como animal representativo e central se espalham por todo território nacional. Mário de Andrade chegou a considerar o Boi como o principal elemento unificador do Brasil, difundido como o samba ou a capoeira. No entanto, possui formatos variados de brincadeira e períodos distintos também. Há bois juninos, natalinos, de reis e assim por diante.
- e. O primeiro registro da manifestação data de 1868, demonstrando que a sua existência é anterior a esta data.
- f. Batalhão é denominação dada ao conjunto de pessoas que realizam a brincadeira do Bumba-meu-boi. Faz menção a um conjunto de guerreiros e a união de suas forças, centrado em um objetivo comum.
- g. O maracá é um instrumento indígena, formato abaulado no topo, como um grande chocalho, decorado de maneiras diversas, em cujo interior há sementes, pedriscos ou pequenas conchas. No Bumba-meu-boi é de alumínio, com fitas coloridas amarradas nas

- pontas, mas o diâmetro varia, dependendo do tipo de brincadeira. É tido como instrumento sagrado, um dos símbolos da entrada e da presença da comunicação com o divino.
- h. Bordadeira é a designação para as mulheres que bordam a indumentária do Bumba-meu-boi. Os bordados são feitos com miçangas e canutilhos, ponto por ponto. Normalmente cada grupo tem as suas exclusivas, que trabalham com dedicação, escondendo o bordado até o momento de sua revelação, na noite de São João, causando comoção por sua beleza, aprumo e brilho. Muito comumente bordam em ato de fé, para agradecer ao santo.
 - i. A narrativa gira em torno do Auto do Bumba-meu-boi, história de um fazendeiro que possui um boi de estimação vistoso e querido, cuja língua é desejada pela grávida Catirina, esposa de um dos vaqueiros da fazenda o Nego Chico ou Pai Francisco. Apresenta um drama na medida em que o boi mais bonito da fazenda não pode ser morto e desejo de mulher grávida não pode ser negado.
 - j. Tião Carvalho é músico, compositor e arte-educador maranhense. Residente em São Paulo desde o início dos anos 80, realiza, entre outras atividades, os festejos de Bumba-meu-boi na cidade, que acontecem três vezes por ano na região oeste há 25 anos. Hoje estas festas estão entre os eventos tradicionais da cidade. Outros grupos em outros municípios do país desenvolvem-se sob os seus ensinamentos e orientações.
 - k. Grupo Cupuaçu de Danças Brasileiras - um grupo de dança e pesquisa em danças brasileiras em São Paulo, que realiza o ciclo do Boi na idade, entre outras atividades.
 - l. Sobre materiais manuseados pelas crianças, ver SAURA¹.
 - m. Crianças do Grupo Cupuaçu.
 - n. Para esta reflexão, textos e vídeos das pesquisas de campo de Renata Meireles e David Reeks em www.territoriodobrincar.com.br.

Referências

1. Saura SC. O imaginário do lazer e do lúdico anunciado em práticas espontâneas do corpo brincante. *Rev Bras Educ Fís. Esporte*. 2013. Epub 2013 Maio 28.
2. Paes Loureiro JJ. *Cultura amazônica, uma poética do imaginário*. São Paulo: Escrituras; 1995.
3. Gusdorf G. *Professores para quê? Para uma pedagogia da pedagogia*. São Paulo: Martins Fontes; 2003.
4. Durand G. *As estruturas antropológicas do imaginário*. São Paulo: Martins Fontes; 2002.
5. Santos JJ. O Bumba-meu-Boi do Maranhão. *J Vaga-lume*. maio/jun. 1993:10.
6. Chauí M. *Cultura e democracia*. *Cad América Latina* V. 2008. Disponível em: <http://www.flacso.org.br/portal/pdf/pensamento-critico/Vcadernopensamentocritico.pdf>.
7. Bachelard G. *A poética do devaneio*. São Paulo: Martins Fontes; 1988.
8. Saura SC. As múltiplas faces do lazer: o fazer das culturas populares, a experiência em museus, o Bumba-meu-boi eo tempo dos sonhos. In: Almeida R, Sanches J, Saura SC, organizadores. *Interculturalidades, museu e educação*. São Paulo: Laços; 2013. p.6-112.
9. Gaiarsa JA. *Organização das posições e movimentos corporais*. São Paulo: Sumus; 2001.
10. Morin E. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: Cortez; 2004.

Agradecimentos

Para a equipe do Projeto Território do Brincar, David e Renata, e seus filhos Sebastião e Constantin, cuja interlocução e amizade alimentam infinitas reflexões.

ENDEREÇO
Soraia Chung Saura
Escola de Educação Física e Esporte - USP
Av. Prof. Mello Moraes, 65
05508-030 - São Paulo - SP - BRASIL
e-mail: soraiacs@usp.br